



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE
EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO – CAMPUS VII – SUMÉ-PB

JAMÍRIA MARIA DA SILVA

**DIFICULDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA EM UMA
TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO
MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB: a Economia Solidária como
ferramenta para a aprendizagem**

SUMÉ – PB

2017

JAMÍRIA MARIA DA SILVA

**DIFICULDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA EM UMA TURMA
DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-
PB: a Economia Solidária como ferramenta para a aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima

SUMÉ – PB

2017

S586d Silva, Jamíria Maria da.

Dificuldades no ensino de matemática em uma turma de educação de jovens e adultos no município de Sumé – PB: a economia solidária como ferramenta para aprendizagem. / Jamíria Maria da Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2017.

40 f.

Orientadora: Professora Dra. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Alfabetização de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano.

1. Educação Matemática. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Ensino de Matemática. 4. Economia solidária I. Título.

CDU: 51:37(043.1)

JAMÍRIA MARIA DA SILVA

**DIFICULDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA EM UMA TURMA
DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-
PB: a Economia Solidária como ferramenta para a aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como requisito para a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: ____ / ____ / 2017

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA:

**Profa. Dra. LENILDE MÉRGIA RIBEIRO LIMA – CDSA-UFCG
(Orientadora)**

**Prof. Dr. GEORGE DO NASCIMENTO RIBEIRO – CDSA-UFCG
(Examinador)**

**Profa. Dra. LÍGIA MARIA RIBEIRO LIMA – DESA-UEPB
(Examinadora)**

**Sumé – PB
2017**

A Deus e à minha avó, Alzira Maria da
Conceição (*In memoriam*). DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é tudo na minha vida, quem sempre me deu consolo e conforto nos momentos difíceis.

À minha avó, Alzira Maria da Conceição (*In memorian*), que sempre me ensinou que devemos conquistar as coisas boas da vida por méritos próprios, sem esquecer quem somos e de onde viemos.

Ao meu noivo, José Tiano da Silva, pela força, o companheirismo e incentivo.

À Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários (IUEES), na pessoa da Profa. Dra. Crislene Moraes, pela oportunidade propiciada pelo Curso de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima, pela aceitação e dedicação na produção desse trabalho, pelo carisma, paciência e compreensão em todos os momentos de solicitação.

À banca examinadora, por ter aceito o convite de participar das correções e apresentação do trabalho.

Aos colegas da turma, em especial à Kátia Simone, pelo apoio e a amizade em todos os momentos durante o período do curso, uma amizade que levarei comigo.

Aos professores pelos ensinamentos, os elogios e as críticas que nos incentivam a melhorar sempre.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que veio ofertar a oportunidade àqueles que não concluíram seus estudos na idade apropriada por diversos fatores de obter conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Muitos são os desafios em relação ao ensino-aprendizagem e o maior deles é a compreensão do ensino da matemática, que requer criatividade dos docentes para ministrar seu conteúdo. Deve-se lançar mão da utilização do cotidiano dos discentes da EJA, para facilitar seu entendimento, levando-os ao aprendizado de maneira prazerosa. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi avaliar essa modalidade de ensino como um ensino contextualizado que deve ser construído por meio de troca de experiências, inserido ao conceito da Economia Solidária. Para compreender a importância do ensino da matemática aplicou-se um questionário com o intuito de estabelecer a necessidade de aperfeiçoar este ensino por meio da Economia Solidária. Ao analisar o questionário observou-se que as dificuldades encontradas estão relacionadas às metodologias utilizadas pelo docente, assim como a necessidade das aulas práticas para essa modalidade de ensino. A inserção da Economia Solidária no ensino da matemática poderá facilitar a relação ensino-aprendizagem, pois muitos vivenciam essa economia, mas a desconhecem e, ao relacioná-la ao ensino pode-se auxiliar seu entendimento, bem como mostrar outras alternativas de geração de renda às pessoas que foram excluídas do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Economia Solidária. Ensino de matemática.

ABSTRACT

Youth and Adult Education is a teaching modality that offered the opportunity to those who did not complete their studies at the appropriate age by several factors. There are many challenges in teaching-learning, and the greatest of these is the understanding of mathematics teaching, which requires the creativity of teachers to deliver their content. One must use the daily use of the students of the EJA, to facilitate their understanding, leading them to learning in a pleasant way. The inclusion of Solidarity Economy in the teaching of mathematics, besides facilitating this understanding, still shows other ways of living in society. Therefore, the objective of this work was to evaluate this teaching modality as a contextualized teaching that must be built through an exchange of experiences, inserted in the concept of the Solidary Economy. In order to understand the importance of teaching mathematics, a questionnaire was applied with the intention of establishing the need to improve this teaching through the Solidary Economy. When analyzing the questionnaire, it was observed that the difficulties encountered are related to the methodologies used by the teacher, as well as the need for practical classes for this type of teaching. The inclusion of the Solidary Economy in the teaching of mathematics can facilitate the teaching-learning relationship, since many experience this economy, but they are unaware of it and, by relating it to teaching, it can help their understanding, as well as show other income generation alternatives people who have been excluded from the world of work.

Keywords: Education of Youth and Adults. Solidarity Economy. Teaching of mathematics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	12
3.1.1 Ensino de Matemática	16
3.1.2 Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental	18
3.2 EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA	20
3.2.1 Estratégias para o ensino de Economia Solidária	22
3.2.2 Matemática como ferramenta no Ensino de Economia Solidária	23
4 METODOLOGIA	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5.1 PERFIS DOS (AS) DISCENTES	27
5.2 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA EJA	29
6 CONCLUSÕES	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	39
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos discentes da EJA	39
APÊNDICE B – Termo de livre consentimento apresentado aos entrevistados	41

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria, oferecendo para jovens e adultos iniciar e/ou dar continuidade aos seus estudos. É, portanto, uma modalidade de ensino que visa garantir um direito àqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los (NASCIMENTO, 2013). Um dos grandes empecilhos para uma boa relação ensino-aprendizagem nesta modalidade de educação é a dificuldade que os alunos encontram no entendimento da matemática.

O ensino da matemática requer dedicação e criatividade por parte do docente, pois é por meio do desenvolvimento dessas criatividades que os discentes conseguem compreender de forma prazerosa esse ensino. As dificuldades de aprendizagem ocorrem em decorrência de fatores emocionais, familiares e pedagógicos. A metodologia pedagógica utilizada pode favorecer o interesse do aluno pela matemática. As estratégias utilizadas pelo professor pode fazer a diferença na relação ensino-aprendizagem de cada discente. Este entendimento poderá contribuir para que o discente se insira no mercado de trabalho, visto que o conhecimento matemático é primordial para as relações de compra e venda.

Na situação de crise do mundo do trabalho, trabalhadores do campo e da cidade lutam pela sobrevivência, organizados em pequenos ou grandes empreendimentos, dando vida a outra forma de economia, baseada em nova chave de valores, encontrados numa ação solidária, não necessariamente planejada, mas descoberta na resistência da vida, conhecida como Economia Solidária (KRUPPA, 2005).

A ideia da inserção do tema Economia Solidária no ensino da matemática surgiu devido à preocupação com o ensino dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que muitos optam estudar essa modalidade devido ao excesso de trabalho durante o dia, e outros, por ser um ensino que não se exige muito dos discentes. Os alunos da EJA, em sua grande maioria, são trabalhadores que atuam no mercado informal e, portanto, seriam beneficiados com o conhecimento da Economia Solidária aplicada à sua realidade, como forma de facilitar o entendimento da matemática.

O presente trabalho foi elaborado por meio de pesquisa de campo, no intuito de avaliar a eficiência da inserção do tema Economia Solidária no ensino de matemática, em uma turma de EJA da Unidade Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, no município de Sumé-PB, com relação à aprendizagem dos alunos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é avaliar a modalidade da Educação de Jovens e Adultos como um ensino contextualizado, construído por meio de trocas de experiências e com a introdução aos conceitos de Economia Solidária no ensino da matemática, e que possibilite aos discentes um melhor entendimento da disciplina, a partir de sua aplicação em situações do seu cotidiano.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o perfil de docentes e discentes de uma turma de Educação de Jovens e Adultos da Unidade Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas no município de Sumé-PB.
- Analisar que tipos de dificuldades os discentes enfrentam para o aprendizado nas aulas de matemática.
- Avaliar o conhecimento dos alunos da turma de Educação de Jovens e Adultos com relação à Economia Solidária.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A educação surgiu pela necessidade de desenvolver a sociedade com habilidades para desenvolvimentos culturais e sociais, dentre as quais a escrita, pois foi através dela que a sociedade se especializou em diversas áreas do conhecimento (LOMBARDO, 2017).

Com o surgimento da escrita, tornou-se necessária a participação de pessoas especializadas em educação para que esse conhecimento pudesse fazer parte de toda sociedade. Desde que a linguagem surgiu, a educação ajuda o homem a garantir a sobrevivência, assim como permite que as habilidades e os conhecimentos adquiridos com a experiência sejam repassados para as gerações seguintes.

Mas, por muitos séculos, não existiam professores, e todos os adultos transmitiam informações aos jovens. Isso acontecia de forma oral e espontânea, pois antes de existir educação, já existiam pessoas capazes de fazer contagens devido às necessidades que cada um tinha em seu convívio como, por exemplo, a contagem de animais que era feita por meio de pedras.

O surgimento da educação trouxe mais criatividade e habilidade para o ser humano, pois, a cada dia se faz necessário o desenvolvimento dessas habilidades para que a partir delas, outras possam surgir de maneira que uma venha dá sentido ou completar a outra. É a partir da escrita, da leitura e dos números que tudo se desenvolve, pois, cada meio criado e desenvolvido tem sua essência.

Com o desenvolvimento da escrita, surgiu a necessidade de que profissionais da educação garantissem a formação, realizada de formas diferentes, dependendo da cultura local. Esparta, por exemplo, priorizava o treinamento físico. Todo menino tinha um tutor, que exercia a função por amizade e não recebia pelo serviço. Já os atenienses foram os primeiros a cobrar

para transmitir seus ensinamentos, inaugurando assim a profissão docente. Para eles, a educação era constituída pela parte física, com professores chamados de *kitharistés*, e pela intelectual, ministrada pelos *paidotribés*. Mais tarde, surgiu outro tipo de cargo, o *grammatistés*, cuja função era ensinar a ler e a escrever. Já no século 5 a.C., ganharam espaço os sofistas, educadores ambulantes remunerados. Em Roma, também esses profissionais itinerantes se chamavam reitores. Havia ainda os *lud magister*, professores primários que alfabetizavam os mais pobres (LOMBARDO, 2017).

Durante a Idade Média, a educação ficou a cargo da Igreja, que a restringia a membros do clero. A partir do ano 789, todo mosteiro tinha uma escola. Os professores não faziam cursos para ministrar aulas e a situação que só mudou a partir do século 19 (CARVALHO, 2009).

Pode-se ressaltar que no ensino das primeiras letras, a Matemática estava presente (“primeiras letras” expressavam “ler, escrever e contar”). É importante registrar que a lei criada em outubro de 1827 diferenciava a educação ministrada para meninos e meninas, pensando em escolas afastadas para os dois sexos. O currículo para as escolas de meninos abrangia “ler, escrever, as quatro operações aritméticas, prática de quebrados (estudo das frações ordinárias), decimais e proporções, noções gerais de geometria, gramática da língua nacional, moral cristã e doutrina católica”. As escolas para meninas seriam nas localidades mais populosas, ficariam dirigidas por professoras e em seu currículo extinguiu-se a geometria e a prática de quebrados, inserindo o ensino de práticas importantes para a economia doméstica (GOMES, 2012).

Desde o descobrimento, o ensino no Brasil foi quase uma prerrogativa dos padres da Companhia de Jesus. O primeiro grupo de jesuítas chegou ao Brasil em 1549, junto com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Esses padres, liderados pelo padre Manuel da Nóbrega, foram os responsáveis pela criação da primeira escola elementar, na cidade de Salvador. A rede de educação jesuíta ampliou-se com a fundação de outras escolas elementares (em Porto Seguro,

Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e dos colégios, gradualmente estabelecidos na Bahia (1556), no Rio de Janeiro (1567), em Olinda (1568), no Maranhão (1622), em São Paulo (1631) e, posteriormente, também em outras regiões (GOMES, 2012).

Essa educação que chegava ao Brasil era conhecida como educação excludente, que teve início com a chegada dos primeiros padres jesuítas em nosso país, guiados pelo pároco Manuel da Nóbrega, no ano de 1549. Estes fieis vieram de Portugal, expedidos pela Companhia de Jesus também conhecida como Sociedade de Jesus, instituída por Santo Inácio de Loiola em 1540 para, a princípio, catequizar e instruir nossos índios. No entanto, com o passar do tempo, esses mesmos padres se dedicaram a educar apenas os filhos dos colonos e os novos sacerdotes (BARBOSA, 2017).

Seus colégios se transformaram na única forma de educação (elementar) das elites, ou seja, classe mais rica da época visto que o ensino superior que criaram em nosso país era exclusivo do clero regular ou secular, uma vez que Portugal não permitia a criação de universidades na colônia e “impunha medidas cerceadoras de nossa emancipação intelectual”, como afirma Aranha (2008). Portanto, os homens livres e abastados que quisessem dar continuidade aos seus estudos, frequentando universidades, deveriam rumar para a metrópole (Portugal).

No Brasil, os jesuítas dominaram o sistema de ensino de 1549 até 1759, quando foram expulsos do país. Ainda no século 18, surgiram os educadores profissionais. Nossa primeira escola de formação de educadores foi fundada no século seguinte, em 1835, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro (GOMES, 2012).

Com o passar do tempo e as conquistas realizadas, o poder político e econômico da Companhia de Jesus alcançou um nível tão supremo que ela passou a ser temida por todos, tornando-se inimiga do Estado português e que

deveria ser extinta. Assim encerrou-se o domínio da ordem jesuítica e, aparentemente, a sua força escolar (GOMES, 2012).

Em meados de 1759, surgiram as Aulas Régias, sendo a primeira forma de ensino público e laico sistematizados na época do Reino de Portugal. O Estado ofereceria línguas modernas, desenho, aritmética, geometria e ciências naturais, correspondendo aos ensinos primário e secundário. Essa reforma seria uma maneira de descentralizar a educação das mãos dos jesuítas e garanti-la a todos os cidadãos. Porém pouco mudou. Muitos religiosos que permaneceram aqui continuaram a ministrar aulas em suas casas, igrejas e outros domicílios particulares, visto que a população rendia-lhes valor, tendo-os como verdadeiros educadores (LOMBARDO, 2017).

Muitos avanços foram alcançados na área da educação. Atualmente, o ensino é ofertado a todos mas, apesar disso, há dificuldade de aprendizado, principalmente entre alunos que estão fora da faixa etária estabelecida pelos órgãos públicos ou que, além de estudarem, precisam trabalhar para o sustento de suas famílias. Estas dificuldades acabam por afetar o aprendizado em algumas disciplinas consideradas mais “difíceis”, como é o caso da matemática.

3.1.1 Ensino de Matemática

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), o ensino de matemática prestará sua contribuição para a construção da cidadania à medida que forem exploradas metodologias que priorizem a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação e o espírito crítico. Tais metodologias devem, ainda, favorecer a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar desafios. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elegeram princípios segundo os quais orientam a educação escolar na busca da dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e responsabilidade pela vida social (BRASIL, 2001).

Quando se tratam dos aspectos gerais da história do ensino de Matemática no Brasil, procura-se mostrar que as diversas alterações nas condições políticas, econômicas, sociais e culturais do país e do mundo repercutiram nos componentes desse ensino. A sociedade brasileira, em diversos momentos, demandou de maneira diferente a contribuição do ensino dos conhecimentos matemáticos na educação de seus membros. Necessidades, expectativas, objetivos e interesses em relação à escola e ao que nela se deve ensinar e aprender no que se refere à Matemática passaram por muitas transformações. A formação de professores para ensinar a Matemática em diversos níveis também se modificou profundamente. Talvez não se conteste que tenha havido mudanças nas escolas, nos estudantes, nos professores, nas realidades educacionais. Contudo, pode parecer aos olhos de muitos que os conhecimentos matemáticos focalizados na escola são sempre os mesmos, ensinados e aprendidos permanentemente do mesmo modo (GOMES, 2012).

Se forem observados os livros antigos e os que hoje são fornecidos aos alunos, pode-se concluir que, apesar dos conteúdos permanecerem, as metodologias e os exemplos/exercícios avançaram de maneira produtiva, pois

retratam o hoje e facilitam o entendimento do aluno em fazer a ligação do conteúdo às suas experiências do dia a dia e, dessa forma, o ensino se torna ainda mais significativo (GOMES, 2012).

Skovmose (2007) descreve a relação entre conhecimento e ação:

“Para mim, conhecimento se relaciona à ação. Isto não significa que todo tipo de conhecimento pode ser relacionado à ação. Apenas afirmo que algum tipo de conhecimento inclui uma relação íntima com a ação. Conecto conhecimento e ação (...) a respeito da matemática em ação. Assim, o conhecimento da matemática cotidiana pode ser efetuado por atos de calcular, estimar, julgar, corrigir. E muita matemática é efetuada por meio do aparato da razão” (SKOVMOSE, 2007, p.223).

O conhecimento matemático possibilita o desenvolvimento das habilidades do cálculo em relação a somar, passar trocos, comparar medidas em situações práticas, entre outras habilidades exercidas através dos diversos conteúdos que a matemática proporciona compreender, e esse conhecimento pode ser passado de geração para geração (GOMES, 2012).

A organização atual da educação no Brasil foi estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 20 de dezembro de 1996, quase quinhentos anos depois do descobrimento. Os cursos de Licenciatura em Matemática têm como objetivo a formação de professores para a educação básica proposta pela LDB, que é composta pela educação infantil, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio. Em particular, os licenciados se preparam para serem os docentes que atuarão nos quatro últimos anos do ensino fundamental e nos três anos do ensino médio. Poderão ser também os professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos, da educação profissional, da educação indígena, da educação especial. A Matemática é componente de todos esses currículos, e há grande quantidade de material atualmente disponível para o seu ensino, alguns deles muito difundidos, como os livros didáticos (GOMES, 2012).

O ensino da matemática tem fornecido de forma não só quantitativa, mas principalmente qualitativa, o desenvolvimento da sociedade e o corpo docente que atua nas instituições de ensino têm transmitido esses conhecimentos que tem melhorado cada vez mais, aplicando os conteúdos de forma contextualizada e diversificada.

3.1.2 Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental

A dificuldade de aprendizagem é um problema que afeta muitos alunos e tem se manifestado em todo ambiente educacional. Quando estas dificuldades não são identificadas pelos educadores, tornam-se um peso na vida escolar da criança. Uma vez que a dificuldade não é diagnosticada, a criança é rotulada por algum tipo de adjetivo negativo, como “lerda”, “preguiçosa”, entre outros (SANTOS, 2015).

São encontrados nas instituições de ensino alunos que, por não saberem ler, acabam se comportando mal na sala de aula, sem fazer as atividades solicitadas pelo docente, passando a aula toda importunando os demais colegas e, por causa disso, sendo visto como um aluno relapso e que não respeita o docente.

As dificuldades de aprendizagem estão ligadas a diversos fatores, que se manifestam de forma diferenciada em cada criança. Estas dificuldades podem ter relação com aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, falta de material e estímulos, baixa autoestima, problemas patológicos, entre outros. Cada aspecto tem sua particularidade, porém interligados podem levar a criança ao fracasso escolar (SANTOS, 2015).

Ao observar que muitas crianças das séries iniciais apresentam dificuldades para aprender a ler, escrever, resolver cálculos entre outros conteúdos, percebe-se que se faz necessário que o docente tenha uma visão de mundo sobre cada aluno. Tem-se em cada sala de aula de 20 a 35 alunos e, com

isso, torna-se importante conhecer cada aluno para que o aprendizado esteja de acordo com a necessidade de cada discente.

Segundo Dell'Agli e Brenelli (2010), o problema não está apenas nas definições que permitiriam um diagnóstico mais preciso, mas também nas condutas, como despreparo dos profissionais, salas de aulas lotadas e ensino prioritariamente tradicional.

Sendo assim, o professor deve refletir sobre sua prática, buscando adaptar seus métodos de ensino de acordo com as necessidades de seus alunos, visando melhor entendimento dos conteúdos propostos (SANTOS, 2015).

Muitos alunos alegam que suas maiores dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental estão relacionadas ao ensino matemático que, segundo eles, apresenta um conteúdo de difícil compreensão. Esta dificuldade pode estar relacionada à forma metodológica abordada, pois é necessário contextualizá-lo de acordo com a realidade do aluno.

Conhecer a realidade educacional sobre as dificuldades de aprendizagem é relevante, pois o professor é um dos principais sujeitos que no decorrer de sua prática educativa poderá perceber em qual nível de aprendizagem ou quais dificuldades que seus alunos apresentam, podendo auxiliar as crianças na superação das mesmas com metodologias diferenciadas. Este estudo é muito importante, pois analisa as principais dificuldades de aprendizagem percebidas pelos professores no cotidiano escolar, e verifica como professores devem atuar tendo consciência do papel que exerce frente à sociedade que atende, buscando melhorar o desempenho acadêmico com ajuda do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no qual os professores capacitados devem trabalhar com propostas pedagógicas correspondentes às necessidades dos alunos, respeitando o seu ritmo de aprendizado e assimilação do conhecimento (SANTOS, 2015).

3.2 EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária foi criada por operários no início do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego que se resultava de uma difusão desregulamentada das máquinas-ferramenta e do motor a vapor isso no início do século XIX (SINGER, 2002).

Nas cooperativas que existiam na época, os trabalhadores associados tinham como objetivo recuperar trabalho e autonomia econômica, aproveitando a produção das novas forças. A estruturação das cooperativas atendia aos valores básicos do movimento operário de igualdade e democracia sintetizadas na ideologia do socialismo (SINGER, 2002).

Com relação à difusão da Economia Solidária, a escola pode se constituir em local de apoio para o desenvolvimento de atividades e ações que contemplem não só o trabalho com conteúdos conceituais, relacionados ao currículo estabelecido formalmente, mas também oportunizar novos conhecimentos que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida das famílias das comunidades envolvidas (RUMMERT; VENTURA, 2007).

Dentre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a grande maioria pertence a famílias que praticam agricultura familiar em pequenas propriedades rurais e a economia solidária tem o intuito de promover oportunidades de desenvolvimento, de modo que venha possibilitar uma participação ativa na construção de alternativas para uma melhoria na qualidade de vida de cada cidadão e de suas famílias (ARRUDA, 2003).

A educação popular tem um papel importante no ensino aprendizagem dos discentes, logo essa educação deve parte do planejamento do docente, pois, é relacionando essa educação com os conteúdos que a aprendizagem se tornará ainda mais significativa.

Os fatores relacionados ao sucesso e ao insucesso acadêmico se dividem em três variáveis interligadas, denominadas de ambiental, psicológica e metodológica. O contexto ambiental engloba fatores relativos ao nível socioeconômico e suas relações com ocupação dos pais, número de filhos,

escolaridade dos pais. Este contexto é o mais amplo em que vive o indivíduo. O contexto psicológico refere-se aos fatores envolvidos na organização familiar, ordem de nascimento dos filhos, nível de expectativa, e as relações destes fatores são respostas como ansiedade, agressão, baixa autoestima, atitudes de desatenção, isolamento, não concentração. O contexto metodológico engloba o que é ensinado nas escolas e sua relação com valores como pertinência e significado, com o fator professor e com o processo de avaliação em suas várias acepções e modalidades (SOUZA, 1996).

Para discutir a economia solidária como prática pedagógica, Gadotti (2009), educador popular, contextualiza a questão no plano histórico, produzindo desta forma um amplo e profundo estudo do que vem a ser a economia solidária no mundo. Nesta ocasião, o educador Paulo Freire elaborou uma introdução para o programa em que demonstra sua extraordinária capacidade de desvendar o potencial desta nova maneira de praticar a economia, ao dizer que ela representa algo de novo e esperançoso para o futuro da educação popular da América Latina e para uma nova ordem econômica mundial (NUNES, 2010).

3.2.1 Estratégias para o ensino de Economia Solidária

Como estratégia de ensino e aprendizagem de matemática tem se optado em se abordar o conteúdo de matemática de forma contextualizada e por meio da metodologia de resolução de problemas, na qual se entende o problema como ponto de partida para a construção de novos conceitos e novos conteúdos (ONUCHIC; ALLEVATO, 2011).

O ensino deve ser sempre contextualizado para melhor entendimento dos discentes e isso se adequa aos conteúdos das disciplinas diversas e aos temas relacionados a cada um desses conteúdos. A exemplo disso pode-se citar a Economia Solidária.

O aprendizado adquirido em grupos deve ser uma das principais estratégias atribuídas ao ensino da EJA, pois os trabalhos produzidos em grupo facilitam ainda mais a compreensão dos alunos nos desenvolvimentos de trabalhos e atividades dentro e fora da sala de aula e ainda podem aproximar os alunos uns dos outros, por meio das trocas de experiências e compartilhamento dos conhecimentos que cada um traz consigo (ONUCHIC; ALLEVATO, 2011).

Os trabalhos individuais não podem faltar, pois cada um deve aprender a construir, conquistar e realizar seus sonhos, sem esquecer-se de mostrar que ter habilidades de desenvolvimento em diversas áreas não torna ninguém melhor do que ninguém. Compartilhar o conhecimento é fundamental para o desenvolvimento coletivo e individual do ser humano.

3.2.2 Matemática como ferramenta no Ensino de Economia Solidária

A matemática é uma ferramenta que oferece uma compreensão significativa quando vista com métodos, maneiras e estratégias que despertem no aluno o interesse pelos estudos de forma motivadora, instigando-o a buscar sempre mais conhecimento a partir daqueles já adquiridos (LUIZ; COL, 2013).

O ensino da Economia Solidária torna-se mais fácil de ser compreendido quando relacionado à matemática, pois, além de se conhecer os conceitos fundamentais de ambas as partes, também é possível construir novos, simulando situações para, no futuro, concretizar-se algo que almejamos alcançar.

A matemática é considerada uma das disciplinas mais difíceis de entender. Esta dificuldade pode ser creditada às metodologias que cada professor utiliza para passar seus conteúdos.

Segundo o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE, 2007), o ensino da matemática trata a construção do conhecimento matemático sob uma visão histórica, de modo que os conceitos são apresentados, discutidos, construídos e reconstruídos e também influenciam na formação do pensamento humano e na produção de sua existência por meio das ideias e tecnologias.

O ensino da matemática nas turmas da EJA deve ser ministrado de maneira que possa mostrar a história da matemática, como a mesma surgiu, qual a sua função, como ela favorece no cotidiano e, dessa forma, se torna mais fácil compreendê-la. Deve, ainda, ser ministrado de forma contextualizada, pois é por meio da contextualização que os alunos conseguem compreender melhor os conteúdos e desenvolver as atividades propostas (GASPERI; PACHECO, 2017).

A contextualização é outro princípio pedagógico que rege a articulação das disciplinas escolares; não deve ser entendida como uma proposta de esvaziamento, como uma proposta redutora do processo ensino-aprendizagem, circunscrevendo-o ao que está no redor do aluno, suas experiências e vivências.

Um trabalho contextualizado parte do saber dos alunos para desenvolver o saber formal que venha ampliar seus conhecimentos (GASPERI; PACHECO, 2017).

4 METODOLOGIA

Para se realizar uma pesquisa de campo, é necessário que se proceda à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, possibilitando, dessa forma, extrair informações, por meio de coleta de dados que determina o problema e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Para melhor compreender e analisar a importância da matemática no ensino da Economia Solidária aplicou-se um questionário em uma turma da 5ª série da EJA (Educação de Jovens e Adultos) na Unidade Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas no município de Sumé-PB, com o intuito de estabelecer ainda mais a necessidade de aperfeiçoar o ensino da matemática na EJA por meio da Economia Solidária.

Visto que os alunos da turma escolhida não conheciam o significado e a função da Economia Solidária, antes de aplicar o questionário fez-se necessário iniciar com o conceito e exemplos acerca do tema.

Iniciou-se a aula com uma conversa informal com relação a possíveis entendimentos a respeito da Economia Solidária; em seguida, foi definido seu conceito para esclarecimento do seu significado, utilizando-se “data show” para exibição de depoimentos e exemplos (tantos positivos como negativos), no intuito de mostrar aos mesmos os desafios encontrados com a aplicação deste tipo de economia.

Logo após perceber a compreensão dos alunos, foi aplicado um questionário (APÊNDICE A) com explanação das questões com os alunos da turma de 5ª série do ensino da EJA, composta por 19 alunos. No dia da aplicação do questionário estavam presentes apenas 07 (sete) alunos, devido ao horário e ao dia em que a tarefa foi realizada.

Durante a aplicação do conteúdo e do questionário, houve discussões e questionamentos referentes à Economia Solidária.

Para relacionar o ensino da matemática com a Economia Solidária, foi realizada uma dinâmica com os alunos, utilizando-se o caso de um deles, que costura roupas para eventos culturais, tais como quadrilhas juninas. Foi simulada uma situação de um empreendimento com máquinas de costuras e um valor prévio para as despesas iniciais. Levaram-se em consideração a produção e venda dos vestuários, bem como a divisão dos lucros entre os participantes do empreendimento, com o intuito de associar os princípios da Economia Solidária e a aplicação da matemática nos cálculos necessários.

Após este momento, houve uma conversa informal com os alunos acerca das percepções adquiridas com a simulação e o entendimento da matemática a partir dos princípios da Economia Solidária.

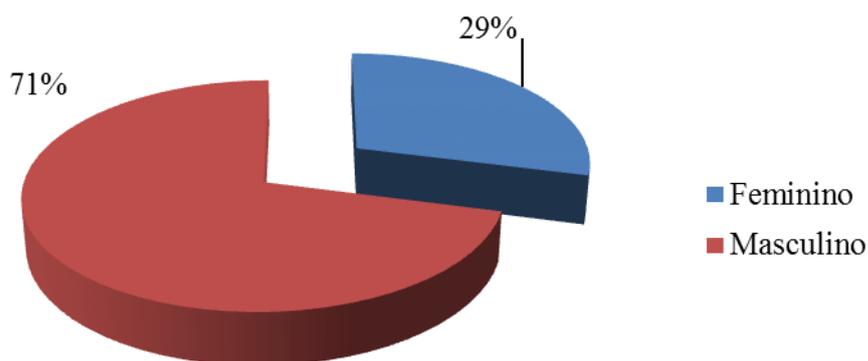
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização do questionário aplicado, foram obtidos os resultados que seguem.

5.1 PERFIS DOS (AS) DISCENTES

O Gráfico 1 ilustra o percentual referente ao gênero dos discentes entrevistados.

Gráfico 1 – Gênero dos discentes entrevistados.

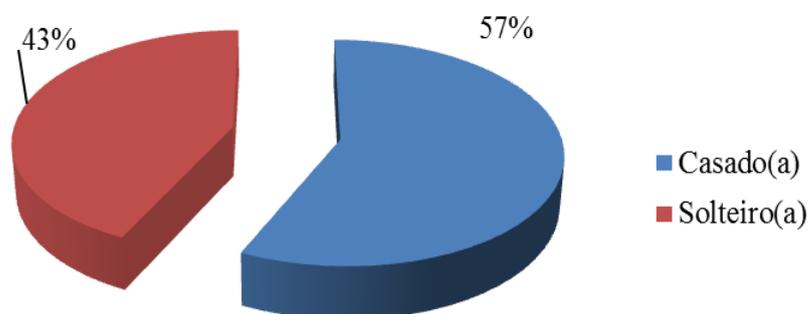


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com o exposto na figura 1, a maioria dos alunos é formada por pessoas do gênero masculino (71%), com (29%) representando as mulheres. Esta baixa porcentagem de mulheres pode ser justificada pelo fato de serem mães que, além do trabalho de casa, trabalham fora para manter a família mas, apesar de tudo, têm consigo o interesse em concluir os estudos.

No Gráfico 2 estão ilustrados os dados referentes ao estado civil dos discentes.

Gráfico 2 – Estado civil dos alunos (as).



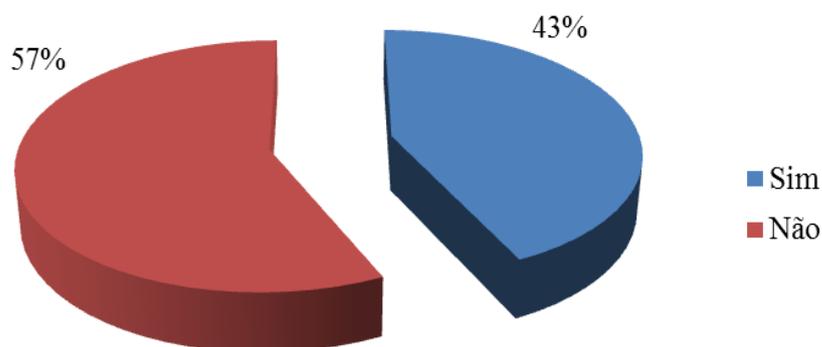
Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

No Gráfico 2 é possível observar que a maioria dos estudantes é casada (57%), enquanto 43% são solteiros. Isso se justifica pelo fato de serem pessoas de faixa etária mais elevada do que os alunos do ensino regular.

Os alunos possuem os seguintes documentos: carteira de identidade (RG), cadastro de pessoa física (CPF), título eleitoral, certidão de nascimento/casamento e carteira de trabalho.

Com relação à participação em algum curso de capacitação, o Gráfico 3 ilustra os resultados obtidos.

Gráfico 3 -



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com a Figura 3, 43% participaram de curso de capacitação, enquanto 57% não. Devido à falta de oportunidades, poucos tiveram a chance de

participar de alguma capacitação, mas todos gostariam de obter mais conhecimento em alguma área.

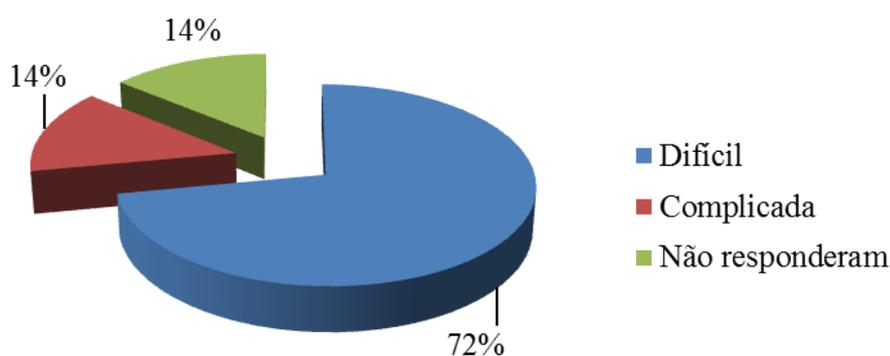
Todos trabalham desde a adolescência em diversas áreas, para se que possa obter seu sustento ou ajudar as famílias nas despesas de casa, encontrando poucas facilidades e muitas dificuldades no dia a dia.

A renda provém de trabalhos pesados ou de algum benefício do governo federal.

5.2 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA EJA

O Gráfico 4 representa as respostas dos alunos ao questionamento “De que forma você enxerga a matemática?”.

Gráfico 4 – Questionamento: De que forma você enxerga a matemática?.

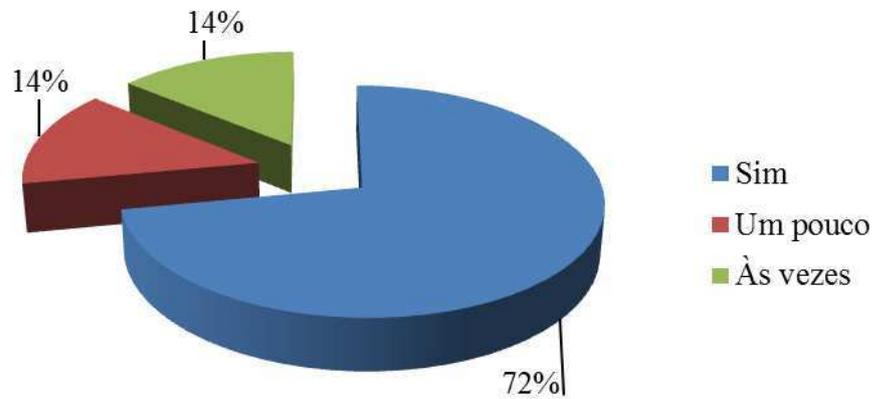


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com a Figura 4, 72% dos discentes acham a matemática difícil, 14% a acham complicada e 14% não responderam. Porém, eles alegam que não conseguem enxergar utilidade da matemática no cotidiano. Diante disso percebemos a importância de inovar o ensino da matemática com aulas práticas, e dessa forma facilitar não apenas o ensino, mas, o entendimento dos discentes.

No Gráfico 5 estão apresentados os resultados referentes à pergunta “Você sente dificuldade em aprender os assuntos das aulas de matemática?”.

Gráfico 5 – Questionamento: Você sente dificuldade em aprender os assuntos das aulas de matemática?



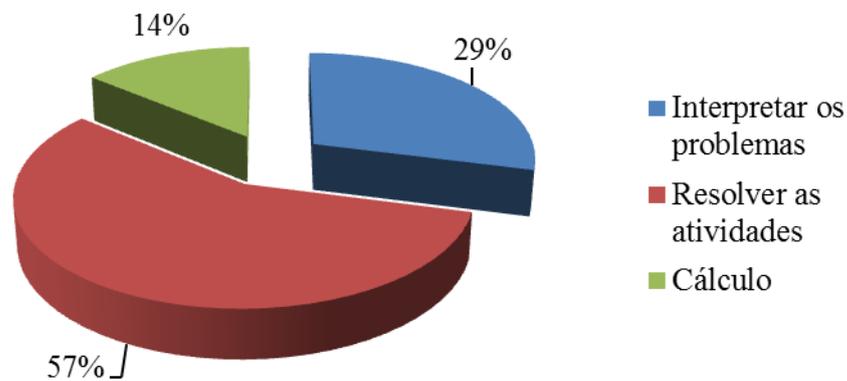
Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com a Figura 5, 72% sentem dificuldades em aprender os assuntos das aulas de matemática, 14% um pouco e 14% apenas às vezes.

Foi possível observar que as estratégias/metodologias utilizadas pelos docentes não têm atendido ao público da EJA, de acordo com as discussões feitas na sala de aula.

O Gráfico 6 representa os resultados obtidos quando foi feito o questionamento “Qual a sua maior dificuldade para a aprendizagem?”.

Gráfico 6 – Questionamento: Qual a sua maior dificuldade para a aprendizagem?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com o Gráfico 6, 57% dos alunos sentem dificuldades em resolver as atividades, 29% em interpretar os problemas e 14% em saber que tipo de cálculo utilizar em cada uma das atividades.

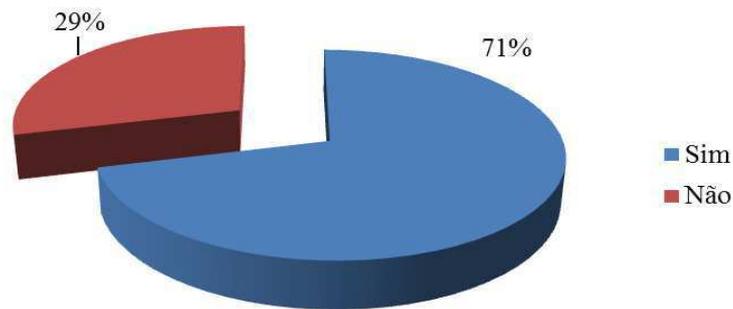
Quando perguntados de que forma achavam que o ensino de matemática se tornaria mais fácil, todos os entrevistados responderam que aulas práticas facilitariam a aprendizagem.

Com relação ao questionamento “Como você acha que o ensino da matemática se tornaria mais fácil?”, 100% dos discentes acreditam que aulas práticas relacionadas ao seu cotidiano facilitarão o entendimento dos conteúdos matemáticos e a aprendizagem dos mesmos.

No que se refere ao questionamento “O que você entende por Economia Solidária?”, 100% dos discentes relataram que a Economia Solidária é um meio de vida que oferece melhores condições de renda, não apenas a um, mais, a um grupo de pessoas em um ambiente onde todos são patrão e ao mesmo tempo empregado.

No Gráfico 7 estão apresentados os resultados referentes aos questionamentos: “Já trabalhou em sala de aula essa temática? Como foi a experiência?”.

Gráfico 7 – Questionamentos: Já trabalhou em sala de aula essa temática? Como foi a experiência?.



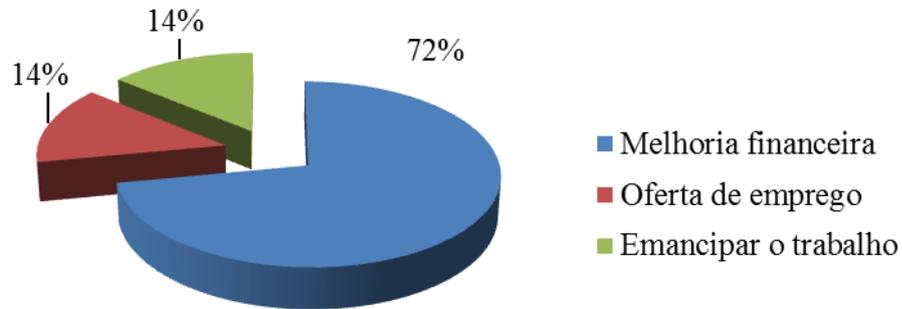
Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

De acordo com o Gráfico 7, 86% relataram que não trabalharam essa temática em sala e 14%, de forma sucinta com comparativos mediante atividade.

Durante o questionamento perguntamos aos discentes se alguma vez em sala de aula tinham ouvido falar sobre Economia Solidaria e se já tinham feito alguma atividade referente os resultados do questionamento estão exposto no gráfico acima.

No Gráfico 8 apresentam-se as respostas referentes ao questionamento “No contexto geral, qual a importância da Economia Solidária para a sociedade atual?”.

Gráfico 8 – Questionamento: No contexto geral, qual a importância da Economia Solidária para a sociedade atual?.

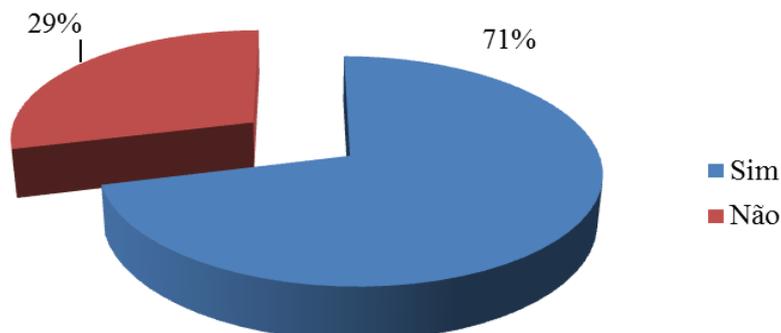


Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

De acordo com o Gráfico 8, 72% dos alunos acreditam que a Economia Solidária é importante para a sociedade atual, pois proporciona uma melhoria financeira que favorece a muitos, 14% disseram que aumenta a oferta emprego a muitos e 14% afirmaram ser uma forma de tornar significativo e emancipatório o trabalho.

O Gráfico 9 ilustra os resultados referentes ao questionamento “Você acredita que todas elas são genuinamente solidárias? Justifique”.

Gráfico 9 - Questionamento: Sabe-se que as associações e cooperativas são a marca registrada da Economia Solidária. Você acredita que todas elas são genuinamente solidárias? Justifique.



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

De acordo com o Gráfico 9, 71% acreditam que as associações e cooperativas são genuinamente solidárias, por serem meios que possibilitam benefícios a todos, e 29% não acreditam, pois existem aquelas em que seu objetivo central é o lucro e não a emancipação do trabalho.

Com relação ao questionamento “A Economia Solidária muitas vezes é vista como um recurso destinado apenas às pessoas que foram excluídas do mundo do trabalho. Você concorda com essa afirmação? Por quê?”, 100% dos alunos não concordaram, pois, segundo eles, qualquer pessoa pode fazer parte, é só ter interesse e os mesmos ideais que este meio econômico tem.

No que se refere ao questionamento “Pautada na igualdade e solidariedade, a Economia Solidária preza pela coletividade, pelo bem comum. Você vê dessa mesma forma o sistema capitalista? Explique”, 100% dos alunos não vêem que o sistema capitalista preza pela coletividade e pelo bem comum, como faz a Economia Solidária, pelo fato do capitalismo ser pautado no lucro e muitas pessoas ainda pensam no ter e não no ser.

Com relação ao questionamento “Percebe-se, em muitos casos, que os indivíduos praticam a Economia Solidária e a desconhecem. Você considera

relevante discutir essa problemática no âmbito escolar? Por quê?”, 100% dos alunos considera importante discutir em sala essa problemática no âmbito escolar, pois subsidiará a formação dos alunos capazes de praticar a Economia Solidária.

Quando se questionou “Você enxerga na Economia Solidária uma alternativa para substituir o sistema capitalista? Se sim, quais seriam os desafios para alcançar esse feito?”, 100% dos alunos enxergam na Economia Solidária uma alternativa para substituir o sistema capitalista, mas os desafios são muitos; dentre eles foram citadas a dificuldade de captar recursos para equipamentos necessários e a falta de pessoas capacitadas para operá-las.

Todos os alunos que participaram do questionário alegaram dificuldades em aprender e usar no cotidiano a matemática. Apesar disso, conseguiram compreender o conceito da Economia Solidária e como desenvolvê-la, assim como perceberam que a matemática está interligada a esta modalidade de economia.

6 CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos, foi possível concluir que:

- A maioria dos discentes são do sexo masculino, jovens e adultos, que trabalham durante o dia, mas, mesmo assim, têm o intuito de concluir os estudos.
- Apesar das dificuldades, a maioria dos discentes possui pelo menos uma capacitação.
- Os alunos enxergam a matemática como a disciplina mais difícil e complicada de entender, alegando que não enxergam utilidade na mesma de como, onde e quando utiliza-lá no cotidiano.
- Observou-se que as dificuldades são encontradas na hora de resolver as atividades, interpretar os problemas e saber que tipo de cálculo deve ser aplicado em determinada questão.
- Pode-se observar que os discentes são conscientes da importância da matemática no cotidiano, mas alegam que aulas práticas facilitariam a aprendizagem.
- A inserção da Economia Solidária no ensino da matemática despertou nos alunos um interesse pela disciplina que os mesmos não mostravam ter. Para eles, foi possível perceber que a matemática não está desvinculada do mundo no qual vivem, visto que conseguiram compreender que a ES é uma modalidade que tem o intuito de oferecer condições de se obter uma renda de modo que favoreça a muitos e esse conteúdo eles não conheciam, mesmo que muitos já a pratiquem.
- Muitos enxergam a Economia Solidaria como um meio destinado a pessoas que foram excluídas do mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

ARRUDA, M. **Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e Economia Solidária**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BARBOSA, P. M. R.. **Educação: Breve relato da história da educação excludente: do início da colonização aos dias de hoje em nosso país**, 2008. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br>. Acesso: 17 de Maio de 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais – Ética**. 3. Ed. Brasília: 2001.

CARVALHO, Nilton. **A droga na escola e a “droga da escola”**. 2009. Disponível em: www.historiaeculturandc.blogspot.com.br. Acesso: 15 de Maio de 2017.

DELL'AGLI, B. A. V.; BRENELLI, R. P. **Dificuldade de aprendizagem: análise das dimensões afetiva e cognitiva**. In: CAETANO, Luciana Maria (Org.). **Temas atuais para a formação de professores: contribuições da pesquisa piagetiana**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GADOTTI, M. **Economia solidária como práxis pedagógica**. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GASPERI, W. N. H. de; PACHECO, E. R. **A história da matemática como instrumento para a interdisciplinaridade na educação básica**. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso: 17 de Maio de 2017.

GOMES, M. L. M. **História do Ensino da Matemática: uma introdução**, Editorado pelo Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG (CAED-UFMG). Belo horizonte, 2012.

KRUPPA, S. M. P. **Economia solidária e educação de jovens e adultos**, Brasília: Inep, 2005.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**, 7 ed., São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LOMBARDO, L. **Como fazíamos sem educação: Na pré-história a tarefa de educar cabia a todos os adultos**, 2008. Disponível em: www.educarparacrescer.abril.com.br. Acesso: 15 de Maio de 2017.

LUIZ, E. A.; COL, L. de. **Alternativas metodológicas para o ensino de matemática visando uma aprendizagem significativa**. Canoas. Rio Grande do Sul, 2013.

NASCIMENTO, S. M. do. **Educação de Jovens e Adultos - EJA, na visão de Paulo Freire**, 2013.

NUNES, L. E. **Trocas Solidárias como Educação Popular**. Jornal da 6ª Feira da Economia Solidária do Mercosul e da 17ª Feira Estadual do Cooperativismo (17ª FEICOOP): Do Mundo Para Santa Maria e de Santa Maria Para o Mundo, Santa Maria, Julho de 2010.

ONUCHIC, L. R.; ALLEVATO, N. S. G. **Pesquisa em Resolução de Problemas: caminhos, avanços e novas perspectivas**. v. 25, n. 41, p. 73-98, Rio Claro-SP: Bolema, 2011.

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), Mariângela Graciano (coordenadora). (Em Questão, v. 4), São Paulo: Ação Educativa, 2007.

RUMMERT, S. M.; VENTURA, J. P. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola**, Educar, Curitiba-PR: Editora UFPR, n. 29, p. 29-45, 2007.

SANTOS, E. P. dos. **Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**, 73 p. Faculdade de Educação–FE. Universidade de Brasília–UnB, Goiás–GO: 2015.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: Boaventura de Sousa Santos (org.) *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

SKOVMOSE, O. **Educação Crítica: Incerteza, Matemática, Responsabilidade**. São Paulo Papirus. 2007.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem – Crianças de 8 a 11 anos**. Bauru: EDUSC, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos discentes da EJA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS-
 IUEES/UFPA
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
 ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

ENTREVISTA COM DISCENTES DA EJA

1 IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Sexo: () masculino () feminino.

Data de Nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Estado Civil

() solteiro(a) () casado(a) () vive maritalmente () divorciado(a) () viúvo(a)

() separado () outro _____

Que documentos você possui?

() Certidão de Nascimento () Certidão de Casamento () RG () CPF

() Carteira de Trabalho () PIS/PASEP () Reservista () Título de Eleitor

2 ESCOLARIDADE/PROFISSIONALIZAÇÃO

Já participou de algum curso de capacitação?

() não () sim. Qual? _____

Gostaria de participar de um/outro curso de capacitação?

() sim () não

Em caso afirmativo, qual(is)? _____

Por quê? _____

3 TRABALHO E RENDA

Já trabalhou?

() sim () não

Se sim, quando iniciou? _____

E qual(is) o(s) tipo(s) de ocupação ou função(ões) que desenvolveu? _____

Quais as facilidades encontradas no trabalho? _____

Quais as dificuldades encontradas no trabalho? _____

Desenvolve algum tipo de atividade/trabalho atualmente?

() sim () não

Onde? _____ Função: _____

Com Carteira de Trabalho assinada? () sim () não

Já contribuiu com o INSS (direta ou indiretamente)? () sim () não

Se sim, por quanto tempo? _____

Renda Individual (atual): _____

Qual é a origem da renda?

() aposentadoria () pensão () BPC () auxílio doença

() bolsa família () outros _____

4 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA EJA

4.1 De que forma você enxerga a matemática?

4.2 Você utiliza a matemática no seu dia a dia?

4.3 Você sente dificuldade em aprender os assuntos das aulas de matemática?

4.4 Qual a sua maior dificuldade para a aprendizagem?

4.5 Como você acha que o ensino de matemática se tornaria mais fácil?

4.6 Você sabe o que significa Economia Solidária?

4.7 Você acha que Economia Solidária e matemática têm alguma ligação? Qual?

APÊNDICE B – Termo de livre consentimento apresentado aos entrevistados.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Jamíria Maria da Silva, como aluna do Curso de Pós Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase na Economia Solidária, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campos de Sumé, sob orientação da Profa. Dra. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima (Pesquisadora responsável).

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

Atenciosamente;

Jamíria Maria da Silva

Consentimento do voluntário

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente que os dados da pesquisa serão usados pela responsável com propósitos científicos.

Sumé, _____

Assinatura do participante